

Uma análise da produção do conhecimento em periódicos da Educação Física: o corpo em destaque (2012-2018)

*An analysis of knowledge production in Physical Education Journals: the
body in focus (2012-2018)*

Alderise Pereira da Silva Quixabeira¹
Ruhena Kelber Abrão²

Resumo: Esta pesquisa relata reflexões feitas em torno da temática a percepção do corpo na pós-modernidade, a partir de uma análise de alguns periódicos de Educação Física, com publicação na área das Ciências Humanas, entre os anos de 2012 até 2018. Como procedimento metodológico, esta pesquisa se constitui como um estudo bibliográfico no qual como resultado foi possível evidenciar que o culto ao corpo é uma forte tendência de comportamento e uma das dimensões dos estilos de vida construídos, pelo consumo, nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Corpo. Mídia. Periódicos de Educação Física.

Abstract: This research reports reflections on the perception of the body in postmodernity, based on an analysis of Physical Education journals published in the area of human sciences between 2012 and 2018. As a methodological procedure, this research comprises a bibliographical study in which, as a result, it was possible to note that the cult of the body is a strong behavioral tendency and one of the dimensions of lifestyles built by consumption in contemporary societies.

Keywords: Body. Media. Physical Education Journals.

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS). Universidade Federal do Tocantins.

² Doutor em Educação em Ciências e Saúde. Professor Adjunto II da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Introdução

O ser humano, ao longo da história, tem sofrido marcas profundas em todas as suas dimensões. Marcas estas que carregamos até nossos dias, de forma muito acentuada e registrada no inconsciente coletivo. Corpo que foi queimado, esquartejado, torturado, moldado, modelado, docilizado, escravizado, canonizado, apedrejado, explorado, fragmentado (LE BRETON, 2009).

Segundo os estudos de Le Breton (2006), o corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar as resistências que oferece ao mundo são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu contrário é impossível.

De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividades físicas, mas, também, as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo que responda à preocupação de se ter um corpo bonito ou saudável (LE BRETON, 2006, 2009). Para tanto, neste estudo, propomo-nos a mapear a produção do conhecimento envolvendo a temática corpo nos principais periódicos da área da Educação Física, por meio de uma pesquisa bibliográfica. Assim, as discussões sobre a temática nos periódicos pesquisados apontam que o culto ao corpo está cada vez mais evidenciado e que as mídias são fortes influenciadoras desse processo. Por fim, trazemos as considerações nas quais apontamos que o culto ao corpo é uma forte tendência de comportamento e uma das dimensões dos estilos de vida construídos, pelo consumo, nas sociedades contemporâneas.

O corpo humano e sua história na civilização

Para iniciarmos a discussão, buscamos embasamento teórico em Soares (2006), que descreve a designação do corpo da seguinte maneira: *Corpus* designava, em latim, o corpo em oposição à alma, de onde vem o sentido de cadáver, conservado pela memória de muitas línguas modernas; o inglês chama o corpo morto de *corpes*; o francês vale-se da expressão *levéé du corps* – literalmente, “levantamento do corpo” – como sinônimo de “encomendação do defunto”.

Para Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 24), a história do corpo humano é, paralelamente, a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o

corpo determinando-o, ao passo que constroem as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, criando os seus próprios padrões. Os autores supracitados abrem questionamentos como: “Quem somos nós, humanos? O que é ser um corpo? O que é ter um corpo? O que é hoje na nossa corporeidade? Que possibilidades nos são abertas e que experiências nos são possíveis?”. Relatam ainda, que “para se conhecer os sentidos construídos para o corpo humano no presente, será necessário fazer uma caminhada, ainda que breve, pela História e observar as diferentes formas de tratar o corpo, a sexualidade, os gêneros” (BARBOSA, MATOS e COSTA (2011, p. 33).

Para Dallo e Paludo (2011), em uma breve perspectiva histórica, o corpo sacralizado, cristão e religioso, constituía-se na preocupação de sua ocultação. Com o avanço histórico, compreende-se o corpo por meio de conhecimentos fisiológicos e anatômicos, uma visão funcional que substitui a religiosa. Seguindo-se uma lógica industrial, o corpo passa a ser visto como força de trabalho e, com a psicanálise, uma dimensão pulsional e erógena.

Sendo assim, considerando o ponto de vista de Santos (2011), somos levados a refletir que, como qualquer outra realidade da dimensão do mundo humano, o corpo também é socialmente construído de acordo com modelos e representações vigentes. O corpo não se resume somente à sua esfera orgânica. Ele é uma recriação do ambiente físico, cultural e social em cada período histórico.

O autor reforça, ainda, que para cada época existe um tipo específico de corpo idealizado. As representações sociais que se fazem do corpo, nem sempre foram as mesmas para todas as épocas, espaços e culturas. Cada cultura tem sua maneira própria de pensar e evidenciar o corpo, dar-lhe um sentido e atribuir-lhe um lugar na esfera social.

Costa (2011), ao analisar a história do corpo, tem percebido a submissão conceitual ao dualismo psicofísico (o material e o não material) com a tendência de ver as coisas dentro do simplismo do pensamento primitivo, segundo o qual o mundo somente poderia ser percebido em duas dimensões, acima e abaixo do olhar (terra e céu). Assim, é importante salientar que os períodos considerados não se constituem de forma independente uns dos outros, mas encaixam-se ao longo do tempo.

A influência da mídia ao culto do corpo moderno

Ao iniciarmos a discussão, compreendemos ser necessário entender o conceito de mídia. Para tanto, tomamos como fundamento os conceitos de Lima (2003) que articula uma definição mais precisa do que a mídia significa hoje nos

estudos a que nos referimos. Segundo o autor, a mídia pode ser entendida como o conjunto de instituições que utilizam tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Ainda do ponto de vista de Lima (2003), vale dizer que a mídia implica a existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. Assim, a comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada.

Para Leitzke (2016), ao tratar das questões de corpo é indispensável considerá-las para além do biológico, pois o corpo é passível de influências históricas, culturais, sociais, políticas e tecnológicas; portanto, é muito mais que um aglomerado de órgãos, mas é também suas roupas, acessórios, tecnologias acopladas, modos de ser e agir. O corpo também se modifica a partir de intrincadas relações que se dão por meio da produção de significados, ou seja, a partir das representações, onde se tem a construção de conceitos e preconceitos, saberes e identidades diversas, assim como de corpos com características diversas. Significados acerca do corpo são construídos, veiculados, afirmados e reafirmados por meio de diversas mídias as quais nos interpelam pelo que é exibido e pelo que é ocultado (LIMA, 2003).

No que se refere ao fenômeno do culto ao corpo na contemporaneidade, de acordo com Knopp (2008), tal ocorrência emerge no Brasil a partir da década de 1920, com a chegada do cinema, que foi crucial na formulação de um ideal físico. Nesse mesmo período, ocorre o advento da dieta como forma de controle pessoal do peso. Emerge a necessidade de os indivíduos tomarem para si a responsabilidade de desenhar o seu próprio corpo, como forma de definir a sua identidade.

Assim, percebe-se que a idolatria ao corpo é uma questão emergente na sociedade contemporânea, visualizada, por exemplo, nos altos índices de cirurgias plásticas; a preocupação com a beleza e modelamento do corpo torna-se cada vez mais presente na vida da sociedade moderna, sendo, para muitos, o centro ordenador da sua existência (KNOPP, 2008). Segundo Fernandes (2005, p.13),

[...] o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento...alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós-modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais.

Muitas são as questões de relevância e influência ao pensarmos sobre a construção dos corpos na contemporaneidade. Nesse sentido, Leitzke (2016) ressalta que, ao considerarmos o corpo enquanto um construto sócio histórico, entendemos que este se molda a partir de múltiplas influências que determinam modos de ser e agir, influenciando desta forma as maneiras como o corpo é percebido, construído, sentido, divulgado, vendido. A partir do ponto de vista de Leitzke (2016), a mídia em geral tem posição de destaque. Ao ensinar modos de ser e estar aos indivíduos na

contemporaneidade, a mídia executa complexos processos que objetivam, dentre outras coisas, conformar sujeitos a determinadas padrões e relações de poder.

No que tange ao corpo, a partir dos conceitos de Barbosa, Matos e Costa (2011), percebemos que a história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade e cultura agem sobre o corpo determinando-o, construindo as particularidades dos seus corpos, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, criam os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres (LE BRETON, 2006).

De acordo com Goellner (2013), o corpo como é visto, percebido, sentido e falado, molda-se e modifica-se na construção de significados e representações culturais e sociais, igualmente mutáveis, passíveis de múltiplas influências: históricas, regionais, temporais, econômicas, dentre outras.

A sociedade de consumo: o corpo é midial

Conforme Campos (2010), os meios de comunicação são na sua grande maioria tendenciosos, não divulgam as notícias com imparcialidade e, geralmente, colocam-se a serviço da classe dominante e do capital. Ao mesmo tempo em que publicam uma notícia sobre o corpo visando à saúde e o bem-estar, publicam inúmeras, promovendo a doença, seja física ou psíquica. Promovem a doença física, com incentivo ao fumo, ao álcool, a práticas e intervenções cirúrgicas visando à estética e, provavelmente, servindo a um padrão imposto pelo capitalismo.

Ainda para Campos (2010), na sociedade de consumo, a mídia tem forte influência sobre os sujeitos, principalmente no que se refere ao padrão de corpo, apresentando assim, o corpo consumo, o corpo mercadoria, incorporado por modelos que se encontram dentro dos padrões de beleza que a mídia canoniza. No contexto atual, as pessoas estão sofrendo psiquicamente por não se encontrarem nos padrões de beleza que a mídia impõe; por falta de condições financeiras para as práticas corporais modificadoras, ou por não conseguirem atingir este padrão, sentem-se excluídas, marginalizadas, ridicularizadas. O referido autor relata que os publicitários perceberam que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar em favor do lucro. Acrescentam, ainda, que o inconsciente não é ético e nem antiético, que o inconsciente é amoral e funciona de acordo com a lógica da realização imediata dos desejos e, na verdade, não é tão individual como pensamos.

Em relação à publicidade do corpo idealizado, Campos (2010), ressalta que o processo é o mesmo. O ser humano procura adquirir tudo o que as propagandas colocam como objetos de satisfação pessoal, os corpos se transformam em busca de

satisfação o que, na grande maioria das vezes, deve gerar angústia, pois as propagandas estão servindo aos interesses do sistema capitalista daquele momento.

Diante de tais mudanças ocorridas no corpo, em função da influência da mídia e tendo como base a teoria de Campos (2011), somos levados a pensar que há uma preocupação em manter ou adquirir a forma corporal de beleza ou de força exaltada pela sociedade. O sujeito contemporâneo procura se encaixar em padrões impostos pela mídia e, ao fazer isto, está se adaptando, obedecendo e se identificando com algo externo a ele; portanto, como acontecia há séculos, torna-se dócil, submisso e obediente para que tudo ande conforme o capital quer, e com isto, perde sua individualidade, sua singularidade, sua essência.

Procedimento metodológico

Por se tratar de um estudo de revisão bibliográfica, não possuímos controle sobre as variações temáticas a serem reveladas dentro de um corpus específico de fontes; por consequência, teremos um panorama do tema em um dado contexto específico ou especializado de fontes. Desse modo, o texto aqui realizado é também de caráter panorâmico-monográfico sobre a literatura, pois como menciona Lakatos e Marconi (1992, p. 43-44) este tipo de pesquisa parte

[...] do levantamento de toda bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulações de suas informações.

Muito embora entendamos que, ao recortar os limites das fontes, o estudo perde um pouco sua conotação panorâmica e passa a ser monográfico, isso acontece na medida em que elegemos o corpo nas produções da Educação Física nos estudos dentro de um tema maior: o culto do corpo. No entanto, ele retoma sua característica panorâmica na medida em que não fazemos vários estudos monográficos sobre inúmeros temas que existem dentro do tema geral; assim, entendemos as temáticas encontradas como aquelas que se diversificam dentro do tema geral que, por ser geral, acaba sendo panorâmico, pois a tendência é lidar com pequenos componentes temáticos que constituem o geral.

A amostra eleita para nossa análise foram os textos completos de doze periódicos da Educação Física brasileira (conforme Quadro 01), avaliados pelo *Qualis* periódicos da CAPES com o conceito A2, B1, B2, B3 e B4: *Movimento/UFRGS*, *Motriz/SP*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte/CBCE*, *Revista Brasileira de EF e Esporte/USP*, *Revista de EF da UEM*, *Livere/UFMG*, *Motrivivência/UFSC*, *Pensar a*

Prática/UEG, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Ciência e Movimento/UCB, Revista Mackenzie de EF e Esporte e Kinesis/UFSM.

No primeiro momento, o levantamento dos dados empíricos foi realizado no banco de dados dos periódicos, utilizando a ferramenta de busca disponível *online*, selecionando o filtro “título” para aplicar os seguintes termos de busca: corpo, culto ao corpo; mídia; midiático; corpo e comunicação; corpo e televisão; corpo e cinema. Posteriormente, fizemos a leitura dos resumos dos textos encontrados e excluímos os resumos em que as palavras corpo ou corpos não apareciam. Ainda a fim de refinar a nossa amostra, efetuamos algumas exclusões conforme os seguintes critérios: a) textos de anais de evento publicados nas revistas; b) textos apresentados como resumos; c) resenhas; e) textos em que no resumo as palavras “corpo” e “comunicação” e “mídia” tinham um sentido diferente ao proposto na pesquisa; f) textos buscados com a palavra “revista” que faziam alusão a apresentações editoriais.

Análise e discussões

Como apresentado no procedimento metodológico, no primeiro momento, fizemos um levantamento dos textos de acordo com nosso objeto de investigação, nos 12 periódicos citados. Essa busca acarretou 234 textos. Após a leitura dos resumos, excluímos aqueles em que as palavras ‘corpo’ ou ‘corpos’ não apareciam com o enfoque que gostaríamos de ressaltar, resultando um total de 12 textos selecionados, conforme podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 01 – quantitativo de texto por periódico

Revista	Total de textos	Total temática “corpo”
Brasileira de Atividade Física e Saúde	16	0
Ciência e Movimento	25	1
Kinesis	11	0
Licere	15	1
Mackenzie	6	0
Motrivivência	49	5
Motriz	12	0
Movimento	45	2
Pensar a Prática	22	1
RBCE	11	0
RBEFE/ USP	13	1
UEM	5	1
Total	234	12

Fonte: elaboração dos autores

Tendo como base o quadro 01, analisamos que boa parte da produção identificada está publicada em duas revistas – *Motrivivência* e *Movimento* – que se posicionam como periódicos de caráter eminentemente sociocultural, o que permite

supor um entendimento sob o viés das humanidades quando o objeto em questão é o “corpo”. No quadro 02, apresentamos um panorama da produção encontrada.

Quadro 02 – Textos com título, autoria, periódico e ano

VENDRUSCOLO <i>et al</i>)	A concepção de obesidade e padrão corporal por mediações ideológicas da mídia.	<i>Pensar a Prática</i>	2014
SILVA, <i>et al.</i>	Insatisfação e checagem corporal e comportamento alimentar em estudantes de Educação Física, Nutrição e Estética.	<i>Ciência & Movimento</i>	2017
MEZZARROBA <i>et al.</i>	A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira.	<i>Motrivivência</i>	2018
SILVA <i>et al</i>	Beleza e feminilidade: o corpo feminino nas páginas da Revista Vida Capichaba (1925-1939).	<i>Motrivivência</i>	2015
CHAVES <i>et al</i>	Construindo diálogos entre a mídia-educação e a EF: uma experiência na escola.	<i>Motrivivência</i>	2015
HEROLD JUNIOR	Corpo e educação no escotismo a partir da Revista O Tico Tico (1921-1933)	<i>Movimento</i>	2015
FINCO; FRAGA.	Corpo joystick: cinema, videogames e estilo de vida ativo.	<i>Licere</i>	2013
SCHWENGBER <i>et al.</i>	Espraçamento discursivo da cultura do fitness na contemporaneidade.	<i>Movimento</i>	2018
PINTO <i>et al.</i>	Identidade(s) feminina(s) e cuidado de si na Revista AG.	<i>Motrivivência</i>	2012
FERREIRA <i>et al.</i>	O Corpo-futurível: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade.	<i>Motrivivência</i>	2018
RIGONI <i>et al.</i>	O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social <i>facebook</i> : implicações para a Educação Física Escolar.	<i>Motrivivência</i> ,	2017
JUBÉ <i>et al.</i>	Os “avatares” do corpo rascunho: experiência de jovens universitários nas redes sociais.	<i>Licere</i>	2014

Fonte: elaboração dos autores

Analizando algumas das produções: o corpo em destaque

Analizamos algumas produções, tais como: *O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social facebook: implicações para a educação física escolar*, de autoria de Rigoni *et al* (2017). Os autores destacam que o modo como a mídia influencia na

construção de padrões de beleza corporal não é uma novidade. A rápida evolução tecnológica das últimas décadas promoveu importantes transformações na maneira como acessamos as informações e nos comunicamos com os outros. Destacam ainda que somos cotidianamente bombardeados por imagens e textos que educam nossos corpos e nos mobilizam no sentido de tentarmos alcançar padrões estéticos que são divulgados como superiores e necessários. A novidade não reside no fato de constarmos o poder da mídia na educação das gerações, mas talvez no modo como ela mesma se adequa e se moderniza em suas formas

A imagem é utilizada pelas mídias como meio de construir subjetividades. Ela consegue, de modo geral, provocar em nós as mais diversas emoções e sentimentos. A imagem é capaz de causar maior impacto do que um texto escrito, pois por meio dela é possível conceber ideias (imagens mentais) de maneira mais rápida. O texto exige mais tempo, atenção e reflexão (RIGONI *et al*, 2017, p. 131).

Os autores citam Featherstone (1991), que coloca a imagem como principal recurso da cultura do consumo. Para ele, o consumo depende do cultivo de um vasto arsenal de imagens. A recompensa pelo trabalho exercido em função da aparência do corpo é compensada pela imagem de um “eu mais vendável”.

O segundo artigo que analisamos traz como título: *O corpo-futurível: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade*, dos autores Ferreira *et al* (2018). Nesse artigo, os autores destacam que assistimos aos avanços científicos da informática, dos modos de comunicação e da biotecnologia aliarem-se às intermináveis sortes de desejos de aprimoramento do corpo. Estamos dando vida às criaturas que apenas habitavam nossos sonhos, especulações desmedidas e histórias de ficção. Apropriam-se das teorias de Le Breton (2009), para afirmar que o corpo encarna um vocabulário em permanente elaboração, programado pelo próprio homem para que possa ser apagado e (re)descrito posteriormente – quantas vezes forem concebidas/demandadas pelos poderes e saberes vigentes. Acrescentam que o corpo existe como uma criação cultural moderna marcada pela capacidade de ser corpo-receptáculo de sucessivas descrições.

Ferreira *et al* (2018) afirmam que, nas últimas décadas, os mecanismos de construção de nossas identidades passaram a dialogar com um estado de alto investimento simbólico do corpo. Tomado por produto e coisa, o corpo sofre com a constante necessidade de operar transformações em uma interminável luta pela boa forma e pelo bem-estar.

O terceiro artigo analisado traz como título: *Espraiamento discursivo da cultura do fitness na contemporaneidade*, dos autores Schwengbe *et al* (2018). Os autores deste artigo discorrem acerca da cultura do *fitness*, e iniciam por nos levar a refletir que a

emergência na contemporaneidade mostra-se como um espaço discursivo que se espalha, produzindo certa memória social, reforçando a ideia de que há um espraiamento da expressão *fitness*, uma espécie de proliferação discursiva que vai além do campo da Educação Física, englobando também moda, arquitetura, alimentação, economia, cultura e sociedade.

Schwengbe *et al* (2018) ressaltam que, contemporaneamente, as formações discursivas a respeito do *fitness* têm ganhado popularidade no campo dos exercícios, academias, alimentação, suplementos, dietas, bebidas, controle das emoções, eventos, conversas e aplicativos, até diversões, músicas, hábitos e modos de vestir, de comer, de socializar. Ainda sobre o assunto, Schwengbe *et al* (2018, p. 1176), afirmam que:

A partir da discussão apresentada até o momento, destacamos que é em torno de certos padrões e valores de corpos magros, tonificados e trabalhados que a cultura do *fitness* se associa, representando sujeitos com vitalidade, saúde, controle, poder, utilidade. Ser “frango” ou sarado, franzino ou “monstro” dizem respeito não só à forma física, mas a modos de subjetivação. Assim, supomos que há correlações de forças que atuam e servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto da cultura *fitness*.

Desse modo, os autores destacam que ser um sujeito detentor de um corpo sarado, que apresenta vitalidade e energia, é representativo da cultura do *fitness*. Esse fato tem caracterizado as sociedades ocidentais contemporâneas e marca um *status* no qual existe um imperativo de que homens e mulheres cuidem e desenvolvam atleticamente os seus corpos.

O quarto artigo analisado tem como título *A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira*, de autoria de Mezzaroba; Zoboli e Correia (2018). Os autores iniciam o artigo, afirmando que o incessante fluxo de afecções geradas pela mídia constrói corpos que refletem subjetividades que organizam ações corpóreas de relações. Assim, o desejo de um sujeito não é fechado em si mesmo, nem estagnado, mas modificado a partir dos encontros que esse sujeito faz.

Isso significa que os processos de subjetivação são inseparáveis da forma com que os sujeitos são afetados, isto é, produzir subjetividades se refere à capacidade de ser afetado, de entrar em um regime de afecção que sustenta certas práticas sociais, comportamentos, maneiras de pensar e agir, de gostar ou não de alguma coisa (MEZZAROBA; ZOBOLI E CORREIA, 2018, p. 260)

Os referidos autores destacam que, na contemporaneidade, uma das estruturas que mais produz regimes de afecções e, conseqüentemente, modos de subjetivação, é a cultura midiática. Seja pela sua diversidade, seja pela sua intensidade,

bem como pela sua onipresença em nosso cotidiano, as mídias são fortes gestoras de nossos desejos e da circulação de afetos. As mídias convidam – ou forçam – meu corpo a se confrontar com um fluxo de sensações que não posso relacionar a uma presença física nem traduzir a uma abstração sistemática.

Ao analisarmos o conjunto de textos selecionados, identificamos que o corpo feminino predomina nessas produções, o que reforça o conceito de que o corpo feminino é aquele que, hegemonicamente, aparece e é consumido midiaticamente, pois o sujeito contemporâneo sofre a influência de identidades sociais e estereótipos nas mais diversas formas de sociabilidade. Percebemos, no conjunto das produções analisadas, a intencionalidade de criação de feminilidades, que ao longo dos períodos históricos vão sendo transformadas, mas estão sempre presentes, “querendo” algo das mulheres que ainda lhes faltam.

À guisa de fechamento, pode-se considerar que as produções científicas em Educação Física nos levam a refletir que a relação do corpo com a cultura midiática passa, necessariamente, por regimes de afeções por meio do consumo de imagens e discursos que geram o desejo a ponto de criar determinadas formas de feminilidade, em vista da circulação e sustentação de padrões corporais ligados à necessidade de consumo de certos produtos e à valorização da magreza e juventude em detrimento da obesidade.

Considerações

Ao final deste estudo, compreendemos que nos últimos anos tem-se elevado o número de produções científicas que versam a respeito da temática corpo, bem como a influência da mídia ao culto do corpo moderno, pois percebemos que o processo midiático e os processos de mudanças do corpo, ocorridos na contemporaneidade, têm causado fortes influências no culto ao corpo, principalmente a partir da década de 1920, com a chegada do cinema, crucial na formulação de um ideal físico. Percebemos ainda que, ao tratarmos das questões de corpo, é indispensável considerá-las para muito além do biológico, percebendo o corpo como é visto, sentido e falado e se molda e se modifica na construção de significados e representações culturais e sociais, igualmente mutáveis, passíveis de múltiplas influências.

Ao discorrermos acerca da sociedade de consumo, corpo e mídia, percebemos que os meios de comunicação são, em sua maioria, tendenciosos e que a mídia tem forte influência sobre os sujeitos, principalmente no que se refere ao padrão de corpo. Isso devido aos sujeitos contemporâneos estarem procurando se encaixar em padrões impostos pela mídia e, ao fazerem isto, estão se adaptando, obedecendo e se identificando com algo externo a elas, devido à mídia possuir

ingredientes que fazem parte do processo de hipnose e sedução produzidas pelas imagens.

A realização desse estudo nos evidencia que o culto ao corpo está presente na sociedade contemporânea e que a mídia tem forte influência sobre o mesmo; assim, pode-se considerar que as produções da Educação Física nos levam a refletir que a relação do corpo com a cultura midiática se passa necessariamente por regimes de afecções por meio do consumo de imagens e discursos que geram um impacto negativo na formação dos sujeitos. Sendo assim, somos levados a pensar que, em todas estas instâncias, o corpo é produzido, controlado, falado, representado, descortinado, dissecado, subjetivado, normalizado à medida que também resiste neste jogo de relações de poder.

Referências

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M. e COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. Universidade do Porto, Portugal. **Psicologia & Sociedade**; v.23 (1): 24-34, 2011.

DALLO, L; PALUDO, K. **Idolatria ao corpo na sociedade contemporânea: Implicações aos adolescentes**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, novembro de 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4318_2894.pdf>. Acesso em: Jul.2018.

FEATHERSTONE, M.; BURROWS, R. **Cyberspace/cyberbodies/cyberpunk: cultures of technological embodiment**. Sage, 1996.

FERNANDES, M. H. **Corpo**. Clínica psicanalítica. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo. Livraria e editora Ltda, 2005.

FERREIRA, A. *et al* O Corpo-futurível: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade. **Motrivivência**, v. 30, n. 53, p. 181-195, maio/2018.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KNOPP, G. C. **A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea**. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador-Bahia, 2008. Material impresso.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEITZKE, A T. da S. **Construindo o corpo na “Medida Certa”?** Discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo. Pelotas, 2016. Disponível em:

<<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3758/1/Angelica%20teixeira%20da%20Silva%20Leitzke.pdf>>. Acesso em dez. 2018.

LIMA, V.A. **Sete teses sobre a relação Mídia e Política**. Mimeo, 2003.

MEZZARROBA, C. *et al.* A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, v. 30, n. 55, p. 258-273, setembro/2018.

RIGONI, *et al.* O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social *facebook*: implicações para a Educação Física Escolar, **Motrivivência**. v. 29, n. esp., p. 126-143, 2017.

SOARES, C. L. (org.). **Corpo e história**. 3.ed. (Coleção Educação Contemporânea). Campinas-SP: Autores Associados 2006.

SANTOS, L. A. O corpo na cultura e a cultura da 'reforma' do corpo. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30: 406-414; ISSN 1676-8965, Dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>> Acesso em mai.2019.

Schwengbe *et al.* Espriamento discursivo da cultura fitness na contemporaneidade, **Revista Movimento**. v. 24, n. 4, p. 1167-1178, out./dez. de 2018.

Recebido em: nov.2020

Aceito em: dez.2020